

Relatos de Viajantes, Descobertas Científicas e seu impacto na Literatura

Prof. Dr. Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa¹, (UFSC)

Resumo:

*As expedições de Alexander von Humboldt (1769-1859), Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) e Adelbert von Chamisso (1781-1838) repercutiram consideravelmente na imaginação de escritores do período romântico alemão no início do século XIX, como E. T. A. Hoffmann e o próprio Chamisso, na medida em que ampliavam o ideário da época com o espírito de aventura, as descobertas científicas e as imagens de um universo tropical. Esta comunicação parte da leitura de relatos dos viajantes, entre eles *Reise um die Welt*, e textos literários como “*Heimatochare*”, “*Die Geschichte vom verlorenen Spiegelbilde*”, “*Der Sandmann*” etc.*

Palavras-chave: relato de viagem, romantismo alemão, intertextualidade.

Mais do que refletir o momento histórico no qual aconteceram as grandes viagens de naturalistas à América do Sul e ao Brasil pela sua relevância como marcos dentro da biologia e da geografia, este interesse pelos relatos surgiu da leitura dos textos literários do período romântico. A ciência estudada sob o ponto de vista da literatura. Na comparação dos progressos científicos que ocorriam no início do século XIX com algumas novelas e contos alemães constato convergências e proponho-me a pesquisá-las: a literatura alemã daquele período sob o ponto de vista dos relatos de viagens e das descobertas científicas.

Entre essas viagens, a mais célebre foi sem dúvida a expedição de Alexander von Humboldt (1769-1859) e Émile Bonpland (1773-1858), pois em vários sentidos, foi muito bem-sucedida. Das 6.000 espécies de plantas coletadas por Bonpland, entre 1799 e 1804: nos Estados Unidos, em Cuba, no México, Peru, na atual Colômbia, bem como durante o percurso fluvial pelo Rio Orinoco, na Venezuela, 3.500 ainda não tinham sido descritas. A informação fica somente a guisa de exemplo, para ilustrar a grandiosidade de suas conquistas no campo da botânica.

Um testemunho da sedução que essa aventura por terras desconhecidas, bem como o progresso da ciência exerciam sobre as pessoas de todas as classes sociais ficou registrado no romance *Die Wahlverwandschaften* (Afinidades Eletivas), de Goethe, publicado em 1809, através dos diários da personagem Ottilie. Embora a curiosidade de Ottilie ante o desconhecido, o bizarro fosse hesitante e o representasse como uma ameaça que tentava manter à distância, - “da natureza não deveríamos saber nada além da vida que diretamente nos cerca”² - fica evidente o entusiasmo:

Manchmal, wenn mich ein neugieriges Verlangen nach solchen abenteuerlichen Dingen anwandelte, habe ich den Reisenden beneidet, der solche Wunder mit andern Wundern in lebendiger, alltäglicher Verbindung sieht. Aber auch er wird ein anderer Mensch. Es wandelt niemand ungestraft unter Palmen, und die Gesinnungen ändern sich gewiß in einem Lande, wo Elefanten und Tiger zu Hause sind. Nur der Naturforscher ist verehrungswert, der uns das Fremdeste, Seltsamste mit seiner Lokalität, mit aller Nachbarschaft jedesmal in dem eigensten Elemente zu schildern und darzustellen weiß. Wie gern möchte ich nur einmal Humboldten erzählen hören!³ (GOETHE, 1977. Volume 3, p. 499).

Para os europeus, portanto, inaugurava-se uma nova era de descobrimentos, agora, porém, científicos. No lastro desse êxito, vários países começaram a organizar equipes compostas de renomados. A imaginação dos escritores do período romântico alemão representou o assombro europeu perante a incomensurável natureza que se descortinava a milhares de quilômetros, em terras exóticas. Talvez mais do que outras artes, a literatura possibilitou a expressão desse homem romântico.

Por essa forma, os escritores sublimavam a insegurança inspirada pelas imagens de um universo fértil, viçoso, tropical e repleto de mistérios.

Peter Schlemihl é um personagem pobre e ambicioso, que troca sua própria sombra por um saco de dinheiro. Desprovido de um acessório (ou de uma condição?) inerente a toda criatura normal, o personagem cai em desgraça. A busca pela realização nos estudos de botânica é quase uma transposição autobiográfica do botânico e escritor Adelbert von Chamisso (1781-1838), o francês que é levado pelas circunstâncias a habitar em Berlim e a participar inclusive como alferes na luta contra a invasão do exército de Napoleão. A visão de mundo que expressou no texto dessa novela não poderia deixar de ser ambígua, conforme sua própria condição:

*Je suis Français en Allemagne et Allemand en France, catholique chez les protestants, protestant chez les catholiques, philosophe chez les gens religieux, et cagot chez les gens sans préjugés ; homme du monde chez les savans, et pédant dans le monde (...) je suis partout étranger.*⁴ (CHAMISSO, 1842. P. 271.)

Com o apoio de Humboldt, que nesse ínterim se convertera no grande mecenas para ambiciosos cientistas, Chamisso concretizou o grande sonho de viajar: foi aceito como relator da viagem de circunavegação empreendida de 1815 a 1818 pelo navio russo Rúrik, sob o comando de Otto von Kotzebue. A grande contribuição científica da expedição foi a cartografia de 400 novas ilhas. Em 1836 Chamisso publicou seus diários de viagem, compilados no livro *Reise um die Welt*. De maior interesse para nós, como brasileiros, é naturalmente o relato do percurso entre Tenerife, a maior das Ilhas Canárias, na Espanha, até a Ilha de Santa Catarina, incluindo as impressões sobre a opulência da Mata Atlântica. Tanto que o escritor/naturalista confessou não conseguir se lembrar das pessoas com quem esteve no Desterro (antigo nome de Florianópolis), somente a natureza se impregnou em sua memória. Após a expedição, Chamisso retornou a Berlim e passou a ocupar o cargo de Diretor do Jardim Zoológico.

A experiência do amigo Chamisso serviu a E. T. A. Hoffmann (1776-1822) como inspiração determinante para a escritura do conto “Heimatochare”, dois meses após a volta da expedição do navio Rúrik. Trata-se de uma novela composta por correspondências entre pessoas envolvidas numa expedição que vai de Port-Jackson (na Austrália) à Ilha O-Wahu (no Havaí). O editor das cartas apresenta a trama da seguinte maneira:

*As Nachfolgende Briefe, welche über das unglückliche Schicksal zweier Naturforscher Auskunft geben, wurden mir von meinem Freunde A. v. C. mitgeteilt, als er eben von der merkwürdigen Reise zurückgekommen, in der er den Erdball anderthalbmal umkreist hatte. Sie scheinen wohl öffentlicher Bekanntmachung würdig. – Mit Trauer, ja mit Entsetzen gewahrt man, wie oft ein harmlos scheinendes Ereignis die engsten Bande der innigsten Freundschaft gewaltsam zu zerreißen und da verderbliches Unheil zu bereiten vermag, wo man das Beste, dasersprießlichste zu erwarten sich berechtigt glaubte. E. T. A. Hoffmann.*⁵ (HOFFMANN, 1967. Volume 4, p. 153.).

O episódio é apresentado sob diferentes vieses, conforme um ou outro personagem se pronuncia. Naturalmente os leitores do século XXI estão familiarizados com essa forma literária que foi empregada muitas vezes; somente para ilustrar minha afirmação, lembro os clássicos de enorme repercussão nos anos 80 do século passado: *Quando o Espiritual Domina*, de Simone de Beauvoir, e *A Insustentável Leveza do Ser*, do tcheco Milan Kundera⁶. Todavia, para 1819, a forma da novela, ou conto-longo, parecia ser bastante arrojada.

Neste caso, além da forma epistolar multifacetária, o conteúdo se arroja documental. Como o editor introduz, e se depreende a partir da leitura das cartas, dois cientistas, a princípio bem amigos, tentam empreender uma pesquisa em conjunto numa excursão de estudos ao Havaí, até o instante em que entra em jogo Haimatochare, uma figura feminina enigmática, cuja identidade é deixada em suspense. A partir daí, os dois cientistas se desentenderam e passaram a disputar sua posse. A discórdia atinge o ápice quando o personagem Menzies desafia Broughton a um duelo. Após a morte de ambos os contendores, finalmente, o capitão Bligh informa ao governador de Nova Gales do Sul, financiador da expedição, que a ambição e a disputa pelo crédito da descoberta de um inseto minúsculo fora a causa da tragédia.

Transcendendo a mera incorporação do ideário de fantasia e do espírito de aventura, portanto, o escritor Hoffmann subvertia o mero encantamento, e com essa novela zombava com refinada ironia da vaidade dos cientistas.

Mas as expedições de estudo experimentavam ainda um momento fecundo. Com a queda definitiva de Napoleão em 1815, inaugurava-se na França o período de grandes mudanças políticas que ficou conhecido como restauração. Um ano depois chegou ao Brasil um grupo de artistas e artífices ligado aquele imperador, que introduziu o estilo neoclássico na pintura brasileira. Inclusive, a partir desta semana, a Pinacoteca do Estado de São Paulo apresenta a exposição “Nicolas-Antoine Taunay: uma leitura dos trópicos”, com obras de um desses artistas, Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830). Com a Duquesa Leopoldina Habsburger, esposa do futuro Imperador Pedro I do Brasil, vieram para este país em 1817 o zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826) e o botânico e médico Carl Friedrich Philip von Martius (1794-1868). O resultado das pesquisas desses naturalistas é inigualável. Após sua morte, a classificação prosseguiu com os discípulos. Atualmente o Instituto Martius-Staden apresenta a exposição on-line *Flora brasiliensis*, com tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies, a maioria de angiospermas brasileiras, que entre 1840 e 1907 haviam sido reunidos em 15 volumes, divididos em 40 partes, com um total de 10.367 páginas.

Outra experiência digna de destaque foi a de Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852). Depois de uma temporada de pesquisas em Santa Catarina, em 1803, e da experiência adquirida na viagem de circunavegação capitaneada pelo general russo Krusenstern, esse médico alemão foi nomeado cônsul russo no Brasil e, mais tarde, nos anos 20 daquele século, encarregado de chefiar uma expedição pelo interior brasileiro. Após incursões menores e anos de preparativos, em 1824, teve início o longo itinerário que percorreu regiões dos estados de Minas Gerais, São Paulo, através do Rio Tietê chegou à cidade de Cuiabá e daí embrenhou-se pela Floresta Amazônica. Dizimada pela malária e por inúmeros percalços e desentendimentos, apenas 12 dos 39 integrantes sobreviveram e, finalmente, quando o próprio barão contraiu malária e enlouqueceu de modo irreversível, a expedição Langsdorff chegou ao fim, cercada de mistério.

Com ele trabalhou, por exemplo, o pintor Johann Moritz Rugendas, descendente de uma família com longa tradição nas artes plásticas. As imagens feitas por Rugendas configuravam o Brasil sob a perspectiva dos viajantes. A incipiente nação brasileira assumiu ao longo de seu primeiro século de autonomia a maneira como o europeu a retratava. Para constituir o espírito de “nação”, o império brasileiro contava com os estímulos propiciados pela literatura romântica, mas as artes plásticas brasileiras também perpetuavam esse conceito através das narrativas de obras-primas, como, por exemplo, “A Primeira Missa”, de Vítor Meireles; “A Descoberta do Brasil”, de Oscar Pereira da Silva e “Grito do Ipiranga”, de Pedro Américo.

Assim como as expedições científicas influenciaram o Romantismo lá, e indiretamente cá, os estudos científicos desenvolvidos, por Goethe, por exemplo, em *Der Versuch die Metamorphose der Pflanzen zu erklären* (Tentativa de Esclarecer a Metamorfose das Plantas), com um texto que acompanha a dinâmica vida dos vegetais, descrevendo as graduais transformações, quadro a quadro, semelhante a tomadas cinematográficas, foram essenciais para criações de personagens como o Arquívista Lindhorst, da novela “*Der Goldene Topf*” (O Pote de Ouro), e “*Dapertutto*”, do conto “*Die Geschichte vom verlorenen Spiegelbilde*” (A História do Reflexo Especular Perdido, que é narrado dentro de “*Die Abenteuere der Silvesternacht*”, As Aventuras da Noite de São Silvestre). Ambos os

personagens são criações do escritor E. T. A. Hoffmann, e eu me circunscrevo ao rol dos alquimistas/curandeiros/feiticeiros. Ambos sofrem consecutivas metamorfoses, e eu gostaria de ilustrar com um trecho que faz referência a Dapertutto:

*Die Morgenröte war hoch heraufgestiegen, der Diener stieß die Fackel auf dem Steinpflaster aus, aber in den aufsprühenden Funken stand plötzlich eine seltsame Figur vor Erasmus, ein langer dürrer Mann mit spitzer Habichtsnase, funkelnden Augen, hämisch verzogenem Munde, im feuerroten Rock mit strahlenden Stahlknöpfen.*⁷ (HOFFMANN, 1967. Volume 1, p. 221)

O homem-fogo, o Vermelho, como o autor apresenta o princípio do Mal, emprega substâncias prodigiosas, drogas para atingir seus fins. Com uma poção feita à base de amêndoas amargas, o venenoso cianeto, o *Wunderdokter*/curandeiro sugere e tenta arrastar à miserável condição de solitário e infeliz o personagem Erasmus Spiker. Enfim logra enfeitiçá-lo e roubar-lhe o reflexo, ministrando-lhe uma dose excessiva de uma poção aromática à base de murtinhos. Spikher perde a imagem especular, Peter Schlemihl, a própria sombra. Ambos tornam-se marginais. O universo desses personagens apresentava-se paulatinamente cindido pelas ciências incipientes, mais questionadoras que esclarecedoras à época.

Do mesmo modo como em “... O Reflexo Perdido”, no conto “Der Sandmann” (O Homem-Areia) o escritor incluiu fórmulas científicas e pessoas que efetivamente existiram como intertextualidades “menos explícitas”, “paratextos” (GENETTE: 1982. P. 10). O pesquisador italiano Lazzaro Spallanzani (1729-1799), que de fato viveu e investigou possibilidades de inseminação artificial, empresta seu nome ao talentoso mecânico e fabricante de autômatos, professor do protagonista Natanael e “pai” da personagem Olímpia, pela qual o jovem se apaixona. Numa carta a Lothar, Natanael descreve esse “mocho milagreiro”, *wunderlicher Kauz* (mocho é uma ave da família Strigidae, das corujas), como um sujeito semelhante a Cagliostro que Walter Benjamin apontou como o charlatão *par excellence* do final do século XVIII. E o mocho, segundo uma superstição medieval alemã é o mensageiro da morte, na medida em que a onomatopéia *ku-witt, ku-witt*, seria um chamado *komm mit, komm mit* (vem comigo, vem comigo). Por outro lado, a coruja é a ave-símbolo da sabedoria, da sagacidade.

Nesse conto, mais uma vez, o escritor se refere com ironia às vaidosas disputas entre sábios cientistas, pois ambos, tanto Spallanzani como Copolla, se arrogam autores da marionete. Se atentarmos para a semântica dos antropônimos dentro do conto, temos de admitir que Copelius⁸, o vendedor de lentes, certamente estava há muitos anos, desde a infância do menino, envolvido na criação da boneca-viva, pois o alquimista fora visto cozendo rostos de cera e fabricando olhos no ateliê, da mesma maneira como, mais tarde, se mostra um especialista em lentes que proporcionam visões.

E as propriedades terapêuticas ou efeitos medicinais das substâncias mencionadas por Hoffmann auxiliam a compreensão e a decifração de certos enigmas. O que seria, por exemplo, *Coppolas Perspektive*? Foi essa espécie de lente, ou seria uma overdose de *Scopolia* ou es-copola-mina, comprada por três ducados, que atuou sobre o sistema nervoso central de Natanael e provocou seus delírios, em seguida inclusive sua morte. E a recíproca, por sua vez, é provável: a manipulação nos olhos de Olímpia de uma dose massiva de *Atropa beladonna*⁹, recurso graxo e cosmético que provoca dilatação das pupilas e embeleza as belamoças, parece ter provocado aqueles estranhos sintomas de paralisia e torpor na autômata.

Estudos comparativos de plantas chamam a atenção para a semelhança entre as bagas da *Atropa beladonna* e da *Myrrhinium atropurpureum* (o murtinho), a mesma substância empregada pelo curandeiro Dapertutto no tratamento do personagem Erasmus Spiker. Todavia, através do banco de dados *Flora brasiliensis* não foi possível distinguir o murtinho da murta-comum (*Myrtus communis*), que tradicionalmente era empregada como perfume, condimento e no preparo de água-de-anjo, um produto cosmético usado para embelezar noivas.

Referências Bibliográficas

- [1] CHAMISSE, Adelbert von e HITZIG, Julius Eduard. *Adelbert Von Chamisso's Werke*. Weidmann, 1842. Retirado da Internet
- [2] <http://books.google.com.br/books?id=FzuiaQZjBH0C&hl=de>. Original von University of Michigan, v. 5. Digitalisiert am 12.Juli 2005. <24.06.2008>
- [3] GENETTE, Gérard. *Palimpsestes – la littérature au second degré*. Paris, Éditions Du Seuil, 1982.
- [4] GOETHE, Johann Wolfgang. *Insel Goethe Werkausgabe*. Frankfurt am Main: Insel, 1977. 6 volumes.
- [5] HOFFMANN, E. T. A.. *E. T. A. Hoffmann*. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1967. 4 volumes.

¹ **Maria Aparecida BARBOSA**, Profa. Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
mabarbos@cce.ufsc.br

² „Von der Natur sollten wir nichts kennen, als was uns unmittelbar lebendig umgibt.“

³ Às vezes, quando eu sentia curiosidade por essa sorte de aventuras, invejei o viajante que relaciona um tipo de prodígio com outros prodígios de forma viva e trivial. Mas ele também se torna um outro homem. Ninguém vaga impunemente sob palmeiras. Com certeza as mentalidades se modificam num país de elefantes e tigres. Digno de respeito é o naturalista que sabe descrever e representar o estranho, o bizarro e o incomum com contexto e todo o meio-ambiente através dos elementos mais característicos. Como eu gostaria de um dia ouvir uma conferência de Humboldt!

⁴ Sou francês na Alemanha e alemão na França, católico entre os protestantes, protestante entre os católicos, filósofo entre os religiosos, carola entre os homens sem preconceitos, mundano entre os sábios, e pedante no mundo (...)sou estrangeiro por todo o lado.

⁵ As seguintes cartas, que fornecem informação sobre o destino infeliz de dois naturalistas, me foram passadas pelo meu amigo A. v. C., ao retornar da insólita viagem em que dera volta e meia na esfera terrestre. Parecem dignas de divulgação. É com tristeza, mesmo com horror, que se descobre muitas vezes como um fato aparentemente inofensivo pode romper os laços íntimos de amizade, revelando funesta desgraça onde se acreditava com razão esperar o melhor, o mais salutar. E. T. A. Hoffmann.

⁶ *Quando o Espiritual Domina* foi traduzido do francês para o português por Danilo Lima de Aguiar e publicado pela Nova Fronteira em 1980, ao passo que *A Insustentável Leveza do Ser* foi vertido a partir da edição francesa por Tereza B. Carvalho da Fonseca, e saiu também pela Nova Fronteira, em 1983.

⁷ A escuridão dera lugar à luz da aurora ainda enevoada, e o valete deitou fora na calçada a tocha. Mas entre as faíscas cintilantes ergueu-se por incrível que pareça uma figura oscilante que se pôs diante de Erasmus. Um homem comprido e ressequido com nariz afilado de abutre e olhos incandescentes, a boca crispada num sorriso sardônico, estava ali com um gibão vermelho escarlate guarnecido de botões metálicos.

⁸ *Coppelia* ou em alemão *Das Mädchen mit den Glasaugen* (A moça dos olhos de vidro), são nomes do balé estreado na Ópera de Paris em 1870, e até hoje considerado um clássico do gênero, cuja composição musical e coreográfica se baseiam no conto de Hoffmann.

⁹ No contexto da disciplina “A Repercussão das Expedições e Descobertas Científicas na Literatura Alemã no Período Romântico Alemão”, ministrada no curso de Letras/Alemão, a estudante Diane V. Wortmeyer foi quem iniciou a investigação sobre as substâncias mencionadas nesse conto de Hoffmann.